

PAISAGEM DA JANELA

Maria Fatima Menegazzo Nicodem

Especialista em Lingüística Aplicada – PUC-MG

Mestranda em Engenharia da Produção – Mídia e Conhecimento – UFSC

Profª de Língua Portuguesa e Lit. Brasileira e Metodologia Científica – CEFET – Medianeira

RESUMO: Com a presente poesia, a autora auferiu o primeiro lugar da categoria no *I Concurso Adélia Prado de Poesias e Contos*, da Unidade de Medianeira do CEFET/PR.

PAISAGEM DA JANELA

Na paisagem da janela, - uma janela lateral –
Vejo pobres velhas árvores, num arranjo desigual.
De copa nada se vê, - de tronco, mutilação
Foi geada que queimou – e, de resto, amputação.
Primavera silenciosa, passo a passo se aproxima.
Depois da morte do inverno – vida aqui e ali reanima.
Revolta, revolta – e meus olhos vêem o sangue escorrendo
Dos troncos das árvores, ao estridente som das serras.
E, do meio da neblina, surge calma, vem se erguendo
A primavera silenciosa, que transforma folha em hera.
Na paisagem de fumaça, da janela lateral
Vê-se troncos mutilados, destroçados, coisa e tal.
São angicos, são ipês, são troncos cheios de orquídeas.
São troncos aleijados, - e não foi de vendaval.
"Tudo ao redor é tanta coisa e nada"
Quem responde a essa póstuma chamada?
São árvores? Não, - eram árvores.
São paisagens secas! São tanta coisa e nada.
Há cinzas, galhos secos, destruição,

Marcas indeléveis – "civilização".

No pasto, o fogo. Na árvore, a serra.

E no suor da palma, esvai-se pranto em paixão.

Há paisagens retorcidas, da janela lateral.

Há um néon iluminado, há ser vivo terminal.

Estremece o coração, quando o olho espelha o quadro,

Da janela lateral vê-se economia, tecnologia, ecologia...

E a vida cai, vesperal.

DADOS DA AUTORA

Maria Fatima Menegazzo Nicodem

é Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

da Unidade de Medianeira do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná

desde 1994 e Mestranda em Engenharia da Produção/Mídia e Conhecimento pela UFSC.